

MEMÓRIAS POLÍTICAS

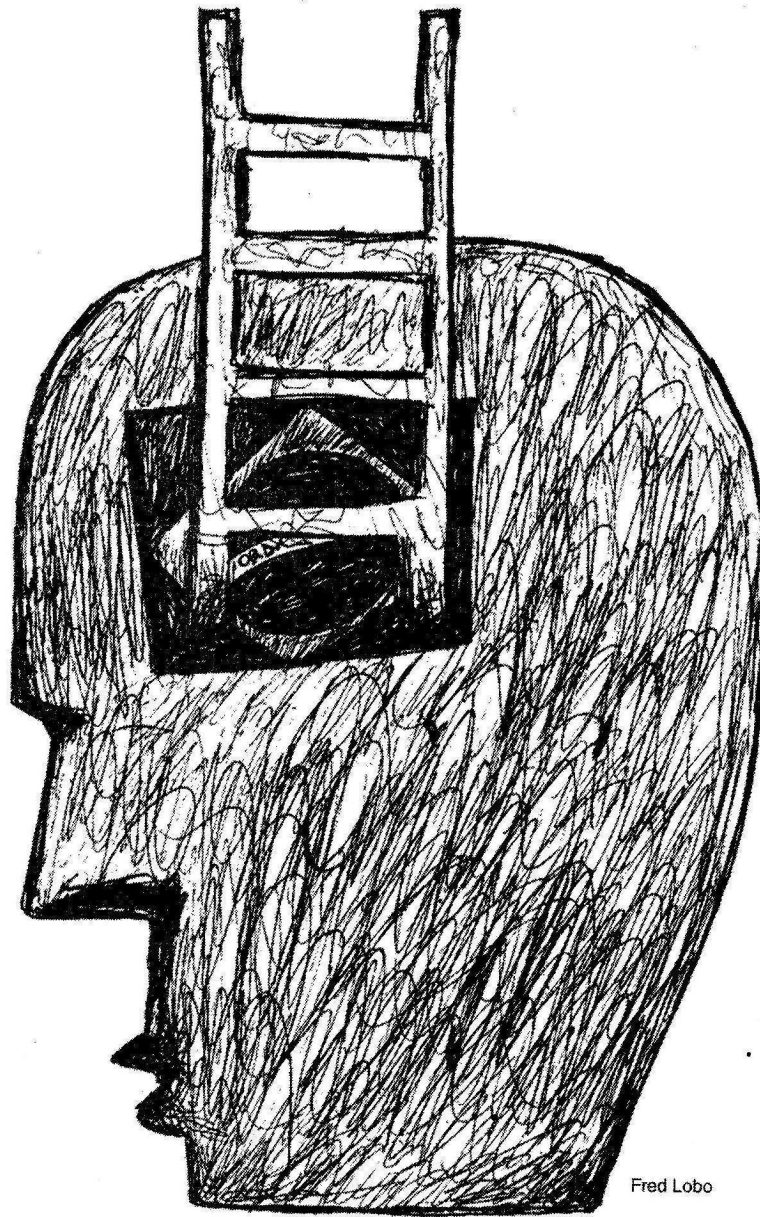
Josaphat Marinho

Foi lançado à circulação, há poucos dias, o livro do jornalista Murilo Mello Filho: *Testemunho Político*. São memórias políticas. Da Revolução de 1930 ao governo Castelo Branco, conta o que viu, observou e sentiu. Revela fatos e descreve personalidades, com clareza e serenidade. Quanto possível, não é participante, mas assistente e anotador dos acontecimentos. Reflete pormenores conhecidos e outros inéditos, ou corrigidos. Como toda obra dessa natureza, há de ter equívocos e falhas, ou interpretações contestáveis. No conjunto, porém, é realmente um testemunho sem paixão, nem distorções.

Conforme ocorre em geral, nos escritos dessa índole, sucessos e figuras delineadas relembram perfis de outras épocas. Há atos e procedimentos edificantes e outros desprezíveis. Emergem exemplos de destemor e resistência e muitos de fraqueza, provas de fidelidade e de deserção. Toma corpo o oportunismo, como se afirma o desprendimento, ou o pudor. Individualidades crescem, outras fracassam. Umas têm confirmado seu poder construtivo, não poucas reveladas sua incapacidade de fazer. Vê-se a competição natural substituída, muitas vezes, pelos artifícios da habilidade. A vontade de vencer, ou de cumprir tarefa, supera a doença, como a determinação de Juarez Távora na campanha presidencial, segundo o testemunho do memorialista. Ou a insubmissão à violência, qual a que ele refere do jurista Seabra Fagundes, que abandonou o Ministério da Justiça, inclusive "pelo fechamento sumário da *Última Hora*. Ou, ainda, a atitude correta de Alkmim, a respeito da coação a que estava submetido o presidente Café Filho. "Café não está impedido? Pois então vamos lá em Copacabana para vermos se ele está impedido ou não."

Esses e outros episódios situam os homens no tempo e lhes definem o caráter. Expostos em livros sérios, servem para comparações na história e ilustração dos povos. As novas gerações, recolhendo tais informações, conhecem as verdades e as fantasias do passado. Podem, assim, confrontar o seu e ou-

tros tempos e melhor investigar a cultura nacional, nas suas constantes e mutações. O paralelo dessas situações históricas é grandemente instrutivo. Aproxima fatos e individualidades, facilitando o reconhecimento do que são marcas e deformações de cada comunidade. Seja para o aplauso, a aceitação, ou a



crítica, há de ser sempre lembrada a decisão do ex-presidente Washington Luís. Exilado em 1930, só retornou ao país depois de 1945, cessado o ciclo Vargas.

Quando se trata, como no caso, de reminiscências sobre fase de que sobrevivem muitos contemporâneos, a análise torna-se singularmente interessante. As comparações revestem-se de atualidade, projetando ou expondo pessoas, em plena atividade. A opinião pública pode vê-las em momentos diversos, para julgar-lhes o comportamento. Agora mesmo, diante das memórias lidas e dos acontecimentos em curso, há pesquisa fecunda a ser feita. Diversas personalidades salientes na política, sobretudo a partir de 1964, continuam no campo de luta. Circunstâncias e crenças afastaram umas e aproximaram outras, o que é normal na cena da vida pública. Básico é que os fatos e suas particularidades sejam comunicados à sociedade com exatidão e boa-fé, como dados para a história.

Daí a importância de livros do estilo de *Testemunho Político*. É imprescindível que revelações desse teor se multipliquem, para que os acontecimentos e seus atores não tenham sua fisionomia deturpada na tradição oral. O documento que grava os fatos reflete uma verdade, a ser contrastada por outros escritos de igual natureza. Não importa a variedade de opiniões. O que sobrevive é a seriedade delas, ou sua base informática. Veja-se a quantidade de obras, de tendências e fundamentos diferentes, que na França examinam e comparam De Gaulle e Mitterrand. O depoimento sobre os fatos políticos e o juízo crítico em torno destes são essenciais à formação da história. Não há verdade sem contrastes.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia